

O TEMPO



JORNAL POLITICO, NOTICIOSO E COMMERCIAL

REDACTOR-PROPRIETARIO:
SATYRO DE CASTRO MORFIRY

Assignatura annual

3\$000

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANNO I

AMARANTE (PIAUHY). 15 DE DESEMBRO DE 1915

NUM 3

Dr. Miguel Roza

Entre os sorrisos de uma aurora retulgenze, de-pontou, hoje, o anniversario do preclaro piauihyense Dr. Miguel de Paiva Roza.

Typo da honradez, da lealdade, o exemplo de suas altissimas virtudes, torna-o sympathico a todos os piauihyenses e admirado pelos brasileiros, em geral.

O Dr. Miguel Roza esteve sempre ao lado das boas causas. E' um espirito de combatividade.

Como jornalista, sua aurea pena tem combatido em todos os tempos a oppressão, a tirania e o fanatismo, cooperando para libertar a intelligencia humana dos preconceitos que entravam os progressos da civilização e da sciencia.

Como empregado publico, foi sempre o homem exacto, cumpridor de seus deveres.

Director geral da instrucção publica, elevou-a, pelo seu genial talento, ao apogeu do progresso.

Tomou posse do governo do Estado, num periodo de agitação politica, após uma lucta renhida, em que seu antecessor Dr. Antonino Freire, para manter a ordem e tornar respeitado o poder constituido, treou batalhões patrióticos e dispoz-se a uma lucta sanguinosa, caso os adversarios possessem em execução seus planos de despotismo e de revolução.

Nosso destimido amigo, assumindo o leme do governo, deu paz aos vencidos, não empregando contra elles a vingança nem a violencia, deixando-os tranquilos á sombra protectora de seu benefico governo.

Devido a essa attitud pacifica e generosa, adversarios poderosos e intransigentes adheriram ao nosso partido!

O Dr. Elias Martins que, com afincio, combateu a candidatura popular do invicto governador piauihyense, está certo que elle não é intransigente, deshonesto e sanguinario, como diziam seus inimigos adversarios.

Como advogado, o Dr. Miguel provou cabalmente sua competencia, exercendo sua nobre profissão neste e no Estado do Maranhão, ao contento de seus constituintes.

Os aventureiros costumam apapar o sol, quando descamba para o ceazo.

Quanto ao governo, Miguel Roza está prestes a deixal-o; mas não seremos do memero dos apedrejadores que são os despeitados, os incontentaveis, os ingratos e os desclassificados.

A unica resposta aos seus accusadores, devia ser o silencio, o completo desprezo. A onda de lama precipita-se contra o rochedo, mas é impotente para destruil-o.

Com o malevolo desegno de deprimir o verdadeiro merecimento e de transformar em odio o respeito e a veneração publica, apedregam-no os despeitados, injuriam-no os desorteiros num coazar de rans em lodoçal immundo.

Miguel Roza é o rochedo que desafia todos os furacões, seguro de sua consistencia e firmeza.

Um homem como o governador do Piauihy, deve ter uma vida longa, porque é proveitozo a todos, que amam a liberdade, a democracia, a sciencia, as artes, porquanto elle tem sido o defensor gratuito de todos os piauihyenses operosos, protegido, amparado e acoroçoado as empresas uteis ao Estado.

Congratulamo-nos com o anniversario de nosso distincto amigo Dr. Miguel, e enviamos-lhe abraços e saudações pela data de seu nascimento, festejado, hoje, pelos seus amigos e admiradores.

Applausos ao Doutor Miguel Roza! Tenha elle o premio devido ao seu talento e ás suas virtudes civicas!

reita, noticiou enjoo e con-parte de despezo o apparecimento d' «O Tempo», em o n.º 154 de 28 de novembro ultimo.

Ora, nenhum mal fizemos a «O Popular», nem o norteamos no artigo sobre o governo do Estado, e assim não temos de nos penitenciar diante da attitud hostil e indelicada com que nos recebem.

Se por ventura a carapuca ajustou-se no collega, não procuramos removel-a para outro.

Repellimos, todavia, a pecha de mentiroso que o valente paladino nos irrogou, por ser o pedal da sua hegagem e dever ficar mesmo por lá.

O nosso escôpo é a justiça; se objectivando-a incommodamos a quem quer que seja, pouco ou nada nos importamos com a irritação dos culpados. Por isso se «O Popular» se apraz em tosquiar a honradez do governador do Estado, de quem sempre esteve distanciado pela sua natural inandade politica, nós nunca applaudimos esse gesto philaucioso, nem nos julgamos preterido do direito de defesa do mesmo governador, que é nosso correligionario e amigo. Os ataques a elle feitos não ferem tão somente á sua personalidade; reflectem sobre todo o partido politico a que elle pertence, que é solidario com a sua administração benefica e criteriosa.

Bem vê «O Popular» que alinhavando as mais banaes, as mais estapafurdias, as mais grotescas accusações contra o governador do Estado, chama contra si a repulsa justa e natural da maioria dos piauihyenses, e não deve estranhar que aqui e alli surgem defensores leaes e decedidos da honradez do governador, e que, afinal, o tiro lhe saia pela culatra.

Quando se ataca ou accusa a um depositario do poder publico, apresentando provas da accusação, é dever do povo se reunir e punir o abuso de poder; mas quando taes accusações não têm fundamento e revelam apenas o espirito trefego e intrigante que

O POPULAR

O jornal «O Popular», que se edita na cidade de Floriano sob a direcção do sr. Jose Pires Fer-

as urde, é justo que a repulsa popular sobre ellas recaia.

É o que succede a «O Popular» na campanha de diffamação em que se envolveu contra o governo do Estado. Em todo o Piahy sabe-se que são inexactas as suas accusações ao governador, por isso mesmo estas não são tomadas a sério e cahem logo no redículo.

O collega escreve para longe, lá para onde não é conhecido, nem se sabe o conceito em que é tido no Estado.

Questão de gosto ou de habito inveterado.

Por lá fique muito bem, mas não queira mais emprestar-nos as suas qualidades, que essa bagagem nunca teve entrada nesta casa.

Para nos atacar, veio «O Popular» em má occasião; se tivesse escolhido outra, mereceria consideração. Finalmente «O Popular»... é proprio para diffamação.

A FOME

Cruciante é a phase que atravessamos. Os famintos á nossa porta, em numero que se não pode computar, de rosto esqualido, figuras esqueléticas, estendem-nos suas macilentas mãos, tropeçando pelas ruas, numa fome que os obriga a baixar os olhos para terra, por que Deus, a quem recorrem muitas vezes na sua desgraça, que faz o milagre com um aceno de sua augusta magestade, que tudo pode, na phrase escriptural, é indifferente ás suas necessidades e não se commove diante de suas desgraças, é Deus, pai dos ricos, dos abastados e padrasto dos pobres, dos infelizes. E esses famintos, assim em desespero, não duvidando do céo, dos soccorros sobrenaturaes e sem roupa, imundos, transitam a toda hora em nossas ruas, sem que a população possa mais soccorrel-os porque está esgotado todo o superfluo destinado aos flagelados.

Para os municipios em que os chefes locais têm muito prestigio perante o governo federal, como Floriano e Peripery, fizeram-se estradas de rodagem,

açudes, etc; mas o Amarante está sem protecção e sem amparo, pesando sobre seus hombros inumeros famintos.

Desta cidade, algumas familias pobres têm emigrado, alem de muitas outras, vindas de diversos municipios.

Aconselhamos aos famintos que emigrem para o hospitaleiro sertão maranhense; nelle encontrarão, com abundancia, os fructos naturaes, a caça, os densos palmeirões, terras ubertosas e não esperem soccorros que não virão absolutamente matar-lhes a fome.

Não tenham os olhos fitos para o céo e pense na Natureza que em outras paragens é riquissima, de clima ameno e fertilissimo solo.

É loucura esperar soccorro do céo e do governo federal; não virá para o Amarante nenhum obolo.

A emigração é a boia de salvção, emigração para os sertões do Maranhão!

Parti, infelizes piahyenses! O Amarante pobre, despresado, tem boa vontade, coração humanitario, porem são excessos seus recursos e não vos pode soccorrer!

Parti e sede felizes entre nossos irmãos maranhenses!

CASAMENTO CIVIL

Cumpra-nos estorvar os velhos preconceitos e combatel-os com o raciocinio e a logica. Sem lucta, sem reacção, sem combate, o mundo não se transformará e não se tornará melhor. Que grande bem fez á humanidade a revolução franceza e os principios de 89! Lutero, o sabio Lutero, que de beneficios ao mundo religioso, com olive examé, enfrentando o papismo e combatendo seus abusos!

Outrora tinhamos somente o casamento religioso.

O matrimonio só podia ser celebrado na presença do parochy, preenchidas todas as formalidades canonicas.

O clero abusava immenso desse poder.

Os atheus, os protestantes fingiam-se catholicos, para não serem dificultados em suas pretensões de casamentos.

As dispensas matrimoniães subiam a um preço exorbitante, de modo que a caixa pia tinha o cofre a transbordar de ouro.

O parochy era um padre absoluto. Quando um poderoso pretendia casar-se, fazia-lhe o inventario dos bens e informava ao bispo que, conforme o calculo, podia pagar um conto de reis.

Pagava ou não casava. E o aspirante ao casamento, apaixonado, delirante diante da noiva, vendia o ultimo traste, para conquistal-a.

Os jornaes independentes principiaram a combater o sordido interesse do clero, a venda das dispensas e a compra do sangue. A reacção rompeu de todos os flancos do paiz. Além da imprensa, á bordo dos vapores, nas conferencias publicas, ingentes protestos reboavam de toda a parte.

Deodoro, Ruy Barboza e Benjamin Constant proclamaram a Republica.

Foi immediatamente decretado o casamento civil.

O clero alaridou o povo catholico; tinham os crentes o casamento civil, como um monstro.

Horror! diziam uns. Casamento do diabo! gritavam outros. União de cachorros, bradava um terceiro.

Foi enorme a gritaria. Parecia que o mundo vinha se acabando.

Os padres, do alto da tribuna sagrada, declaravam amancebados os que se casassem só civilmente; era lhes vedado serem padrinhos no baptismo e no christina; seus filhos seriam havidos como naturaes e como taes inscriptos nos livros de registro ecclesiastico.

Após a primeira impressão dissipado o panico causado pelo apparecimento do casamento civil, o povo perdeu o medo do inferno e já não faz caso do padre para suas uniões.

Ricos e pobres, nobres e plebeos recorrem ao juiz de casamentos, sem nenhum escrúpulo, com a consciencia tranquilla, como se um céo irrigado de esperanças se abrisse com todos os seus encantos e bençãos para acolhel-os.

Debalde, os padres os chamam ao cumprimento de seus deveres, de balde os ameaçam com a excommunhão e as penas do inferno.

Fazem-se desprezados e vão alegremente ao casamento civil, que é o legal, lhes garante a communhão de bens e é mais barato.

Não é só o padre que faz questão de dinheiro; o povo gosta de procurar tambem o mais barato e

gastar o menos possível.

Quanto ao ser padrinho ou deixar de ser-o, pouco lhe importa isso, porque como resam os velhos alfarrabios catholicos, os baptisados não tinham antigamente padrinhos.

Je na foi baptisado sem padrinho e os apóstolos administravam este sacramento com agua, simplesmente.

Padrinho é luxo e vaidade da igreja, o qual não faz parte essencial do sacramento. Acresce que não sendo padrinho, lucra mais, porque não dá tres mil reis ao padre e aos sacristão. Além disso, o baptismo tem que ser abolido, quando o povo reflectir e convencer-se de que a innocencia não tem peccado e não precisa de perdão; e então o baptismo será substituído pelo registro civil.

Registrados os recém-nascidos, estão baptisados para todos os effeitos civis e politicos.

Não nos illudamos. O mundo marcha. Muita mentira será des-thronada e as gerações futuras hão de viver ás claras, sem mysterios nem milagres.

O casamento civil é bom e util mesmo para os padres catholicos.

Alguem definiu o amor *menino*, querendo exprimir que muitas vezes torna-se uma verdadeira loucura.

O Reverendo Padre Moysés amava uma senhorita, filha de uma das principaes familias de Jeromenha.

Apaixonado, lóuco por essa creatura que elle adorava, mas vendo que não podia levar a effeito sex nobre designio, por causa do voto de castidade, sahio de Jeromenha, procurando uma distracção.

Embarcou na cidade de Florianópolis, passou pela capital em demanda da Parahyba. Antes de chegar á Parahyba, a paixão rompeu com os votos de sua igreja e eil-o regressando para Jeromenha onde encontrou a deoza de seus amôres e no dia seguinte estava casado com ella.

Praticou acção má? Não: fez muito bem. Mostrou ser homem inteiriço e homem de coração; provou que a graça de Deus é mais uma mentira ecclesiastica e não pode cortar os voos de nossas aspirações, quando são nobres e se firmam nas leis naturaes, fixas e immutaveis.

Os leitores conhecem o bello romance do escriptor Alexandre Herculano - «Eurico».

Eurico era padre; apaixonou-se por Hermengarda, descendente de familia nobre.

O voto de castidade, nullo por sua natureza, era absoluto para uma união licita.

Não ha mal, porem, sem remedio; e, por isso, o eximio poeta Guerra Junqueiro dá-lhe e a todos os padres catholicos os seguintes conselhos:

«Eurico, Eurico, ó palida figura, lastimoso, romantico levita,
Que nos serros do Calpe em

Ergues as mãos à abobada in-

Rasga a pagina santa da Escrip-

O espirito de luz que em nós ha-

Já não consente essa ideia de

Que faz do amor uma paixão mal-

Deixa a solidão dos montes escal-

Não soltes mais os thronos inflam-

Nem tenhas mêdo das garras do

Beija a Hermengarda a timida

E vai de braço dado tu e ella

Contrahir civilmente matrimonio».

Vê-se que o amor é despotico; domina com absolutismo. Não obstante a phantasiada graça de Deus, não se pode conter o coração, ferido pela seta do amor, phenomeno phisico, cantado pelos poetas e descripto pelas mais lúcidas intelligencias.

O remedio do amor é o casamento e não a graça de Deus, a qual só existe na nossa imaginação.

Sabemos que a agua extingue o incendio; isto é positivo e muito comprehensivel. Mas inventar-se a graça de Deus para apagar a chamma do amor, é absurdo, por que não comprehendemos esta graça, não nos é permitido defini-la.

Os factos estão ao alcance das mais curtas intelligencias.

Consideramos, pois, o casamento civil o unico meio capaz de resolver o problema entre dois corações que se amam!

COLLABORAÇÃO

O que penso da patria. A um meu amigo por ter idéas cosmopolitas

Traçando estas toscas e obscuras linhas para «O Tempo», não é meu fito tornar-me celebre ou conhecido; não. É exclusivamente obdecendo a um sentimento que me obriga imperiosamente a isto.

Sobre todos os assumptos o ho-

mem pensa, falla e escreve, porém nem um mais aproveitavel, mais edificante, mais digno que versando a patria. Fallar, escrever ou pensar defendendo a patria, é ter amor por ella, é servir-a, é dar provas de homem de bem. Pois bem, eu me sinto feliz neste momento, em tratar de tão importante quão elevado assumpto: o que me dói, porém, é não poder descrever-o com todas as cores com que o vejo em mente e como o peito me dicta. Sou o primeiro a reconhecer a minha incompetencia, mas o entusiasmo que experimento em tratando a patria faz-me esquecer esta minha incapacidade e dá-me a ousadia de pegar da minha pobre e enferrujada penna para escrever estas palidas linhas.

Ha, bem o sei, quem pregue e sustente o cosmopolitismo, isto é, que a patria não passa de uma ficção, de uma palavra vã, ou por outra-que a patria é o mundo. Mas ai!... perdão!... digamos a verdade!... patria!... a patria não é o mundo!... Patria, dizem sabios e doutos, é o paiz em que nascemos, a terra de nossos paes e a nossa terra! Patria, dizem todos os bons cidadãos e digo eu tambem, é o meu berço, o meu torrão natal, é esta terra que me viu nascer!

Não se confunda a palavra-patria com a palavra-fraternidade-que a tudo e a todos se estende. A fraternidade é o laço de união, de amor entre a humanidade em geral. Todos os homens, bem se sabe, são iguaes entre si; em toda parte o respeito á liberdade, á vida, á honra e a propriedade são deveres perfeitamente determinados. Assim, pois, fraternidade quer dizer reciproca amizade, respeito mútuo, exprime esse doce e sagrado laço de união que deve existir entre os filhos da mesma patria, e bem assim entre as sociedades humanas, n'uma palavra-o fundamento da caridade.

Mas, patria?! limita-comquanto não exclua a fraternidade, mas tem alguma cousa de differente. A palavra-patria-e fraternidade-mathematicamente fallando, estão para pouco e muito assim como a maxima-«Não façamos aos outros o que não queremos que nós façam a nós», estão para a seguinte: «Tratai aos outros como queis que vos tratem». A primeira, como se vê, prohibe o mal, differentemente da ultima que ordena o bem.

Assim como existe a familia composta de dois grupos distinctos-paes e filhos-que se amam,

que se ajudam, que se respeitam reciprocamente debaixo de um só tecto, assim a patria-mãe commum—que é para nós brasileiros, é o nosso caro Brazil: para nós o seu territorio é mais sagrado do que qualquer outro, o seu pavilhão mais digno da nossa veneração que todas as bandeiras do mundo!

A honra da familia, disse alguém, de tal modo se liga ao nome porque é conhecido, que constitui o patrimonio que d'elle uzam. Pois assim é tambem a honra e o amor à patria; a honra se liga aos seus herões e o amor aos filhos dos seus seios.

Um notavel escriptor, depois de com muito brilhantismo descorrer acerca da palavra-patria, terminou dizendo que o mau cidadão é, por via de regra, mau amigo, mau filho e mau pai. Certamente que não se pôde ser bom senhor sendo mau servo, não pôde ser bom cidadão, não amando e servindo a patria. Amar e servir a patria, é, pois, um dever de todo homem de bem: e este torna-se sagrado quando nos comprometramos d'elle e procuramos, d'algum modo, ser util a nossa patria.

O verdadeiro patriotismo excita-nos a dar a propria vida em troca da salvação da nossa patria, e, não digo já em troca da salvação da nossa patria, mas até mesmo em troca da vida de um nosso compatriota que lhe possa ser mais util. Estes que assim praticam são os de que carecem as nações, são os verdadeiros filhos dedicados e amorosos, são os grandes herões que recebem e dão honra a patria!

Patria e familia-eis a honra e gloria de um homem de bem!...

S. Francisco, 2 de Dezembro de 1915

Gonçalinho Ribeiro

GALERIA NOBRE

Anniversariaram-se:

A 4 deste a menina Lylla de Castro Lima, filha do nosso redactor proprietario;

A 7 o Exm. sr. dr. Eduardo Olympio Ferreira, magistrado aposentado e nosso dignissimo amigo;

A 12 a gentil senhorita Iracema Nunes, digna noiva do sr. dr. Oswaldo Costa e Silva.

Parabens a todos.

Noticias

Vapores.—Para Florianópolis passaram a 2 deste o «Brazil», que voltou a 10; a 3 o «João de Castro»,

volvendo a 7; tambem a 3 o «Manoel Thomaz», que voltou a 12; o «S. Cruz» a 10.

—No vapor «João de Castro» ia para Florianópolis a commissão de engenheiros, encarregada do serviço da estrada de rodagem d'alli a Oeiras, e de cuja commissão é chefe o sr. dr. João Luiz Ferreira, nosso digno conterraneo.

—Em companhia de um amigo esteve em nosso escriptorio o sr. dr. Manoel Victor da Fonseca Galvão, que faz parte da referida commissão. S. Ex. teve gentileza, que muito nos penhorou, de nos informar que o orçamento da estrada de rodagem de Florianópolis a Oeiras é de 900:000:000 reis, mas que o credito aberto para isso era apenas de 500:000:000 reis, que serão entregues á commissão em prestações de 60:000:000; que dos flagellados pela secca a commissão necessitava apenas de 200 para os trabalhos, de maneira que ella estava na contingencia de fazer uma escolha entre dois ou tres mil flagellados que contava: acharem-se em Florianópolis, e colha que poderia tornar-se odiosa; e que a commissão trabalharia até applicar o valor do credito ou do que lhe fosse entregue, deixando, no primeiro caso, a estrada pelo meio ou pouco mais disso.

Folgamos em ver nas palavras do sr. dr. Victor Galvão a confirmação tacita do que temos dito com relação ao exito inefficaz do soccorro indirecto aos flagellados. Vão para o serviço da estrada 200 homens validos, onde existem 3000; agora os invalidos e os que não tiveram collocação no serviço e os que não estão em Florianópolis, Therezina e Periperi, que motram á fome; a população já exausta de recursos para si, que mantenha-se como puder, sustente, vista e tracte es. ses infelizes, sem tecto, andrajosos, que enchem as cidades, villas e povoados ribeirinhos do Parnahyba.

—No «João de Castro» passou tambem para Florianópolis o nosso amigo Felix Estrella.

—Esteve entre nós nosso bom amigo major David Barbosa Ribeiro Passos, digno collecter estadual em S. Pedro.

—O nosso caro amigo capitão Adelino Alves da Silva, criterioso delegado de policia da fronteira villa de S. Francisco, regressou de Therezina, pelo «João de Castro», em companhia de sua dilecta filha a gentil senhorita Santilla Silva.

—No mesmo vapor veio tambem a graciosa senhorita Lavina

Fonseca, nina do nosso presado amigo major Severino José da Fonseca, operoso commerciante na referida villa de S. Francisco.

—Com destino a S. Luiz do Maranhão aqui passaram a 7 deste, no «João de Castro» a Exm. Sr.ª D. Julieta de Queiroz Ribeiro e seus caros filhinhos Turana, Maria Conceição e Cirene, esposa do nosso distincto e presado amigo capitão João José Ribeiro, digno gerente da importante casa commercial dos srs. Diocleciano Ribeiro & Comp., de Florianópolis.

—Viajava no mesmo vapor e com igual destino, o nosso amigo Raymundo Nonnato Fernandes, digno auxiliar daquella casa commercial.

—Regressou do municipio de Valença o Cel. Alcebiades de Castro Velloso, zeloso encarregado da estação telegraphica desta cidade.

—Para Florianópolis voltou pelo «S. Cruz» o sr. João Victor, digno telegraphista alli residente.

—O vapor «João de Castro» sahio a 13 deste de Therezina para Florianópolis, devendo passar por nosso porto amanhã.

Fallecimentos:

—Em S. Bento, do Maranhão, falleceu a 30 do mez passado o sr. Philomeno Joaquim Pereira, que era casado com a Exm. Sr.ª D. Briginata Maria Ferreira, cara irmã do nosso amigo Exm. sr. dr. Eduardo Olympio Ferreira.

—Na mesma data falleceu em Oeiras, contando 92 annos de idade, a Exm. Sr.ª D. Antonia Teixeira de Sá, genitora do sr. cel. Pedro Campos e avó do nosso digno amigo Exm. Sr. Dr. Raymundo Campos, juiz de direito interino desta comarca.

—A 29 tambem do mez passado falleceu em sua fazenda S. Vicente, do municipio de Valença, o venerando ancião cel. Ursulino da Costa Velloso, genitor do cel. Alcebiades de Castro Velloso, encarregado de estação telegraphica desta cidade.

—A 3 deste evolan-se as regiões sederias a innocente Maria, filha do nosso amigo alferes Manoel Pires de Moura.

—A 2 do corrente falleceu no lugar Lagoa Grande, municipio de S. Francisco, o capitão Olegario Fernandes do Rego, nosso amigo e cunhado do sr. T.º Abdon Arminio de Moura, commerciante nesta cidade.

—A's Exm. Familias e de mais parentes de todes estes que voltaram á vida do Além, enviamos condolencias.